

## O MITO DA(S) PEDRA(S) ATRAVÉS DOS TEMPOS

José Alves Fernandes

Se ainda estais lembrados, iniciei a última palestra nesta Casa citando-me pretensiosamente a mim mesmo, e concluí-a oferecendo a palavra ao príncipe dos mitólogos modernos Mircea Eliade.

Inverterei hoje a liturgia. Começo esta apresentação, invocando o prestígio daquele sábio para justificar a escolha do meu tema, que provocou, além da curiosidade, uma certa estranheza aos que o viram enunciado entre os assuntos deste seminário. Mito das pedras ou da pedra? Que pedra ou que pedras?

Ouçam o que diz o estudioso romeno: “A hierofania da pedra é uma ontofania por excelência: antes de tudo a pedra é, fica sempre ela mesma, não muda.”

Recordem-se da razão pela qual concedi a primazia ao passado entre as três modalidades ou as três facetas do tempo: só no passado podemos encontrar o registro das coisas que constituem a história dos homens, por isso o passado, na verdade, é; quer dizer, tem valor de presença. Assim também a pedra, pela sua dureza e consistência, consubstancia o mais poderoso simbolismo da permanência, da continuidade e da invulnerabilidade ao desgaste do tempo.

E para não perdermos de vista a característica fundante do mito, a sacralidade da visão do mundo, enfatizemos este postulado: O cosmos não é morto, é vivo; por isso tudo nele vive e fala. Até as pedras.

Observada, portanto, a prestabilidade da pedra como suporte da hierofania – ou manifestação testemunhal do sagrado – passemos à exemplificação de alguns desses testemunhos, resenhados pela História mítica ou glosados pela inspiração, sempre transfigurada e transfiguradora, dos artistas e dos poetas.

O nosso celebrado Ovídio, por exemplo, confessando a sua gratidão aos deuses pelo seu dom poético, exclamava: “*est deus in nobis*”, há um deus em nós. Como se dissesse: a nossa inspiração é um fogo sagrado que arde dentro de nós. Não são, porém, unicamente os poetas

que necessitam desse fogo sagrado; todos nós precisamos dele, para o exercício pleno das nossas faculdades superiores. Noutras palavras, só conseguimos fazer bem as coisas, se tivermos entusiasmo, palavra luminosamente expressiva que significa “deus dentro”, presença de Deus dentro de nós.

Mas, voltemos às pedras e à sua enunciada hierofania. Como elemento compositivo do nosso planeta figuram elas na qualidade representativa ou simbólica de ossos da mãe-terra no seguinte segmento dialogal entre um camponês e um profeta indiano: “Vós pedis-me que trabalhe o solo? Iria eu pegar numa faca e cravá-la no seio de minha mãe? Mas então, quando eu estiver morto, ela já não me retomará no seu seio. Pedis-me que cave e desenterre pedras? Iria eu mutilar-lhe as carnes a fim de chegar aos seus ossos? Mas então já não poderei entrar no seu corpo para nascer de novo.”

O conteúdo mítico deste pequeno trato textual, pertencente à literatura etnográfica moderna (1850), remonta a uma tradição vetérrima relacionada com o dilúvio universal.

Reza a legenda helênica que havendo Zeus decidido destruir a humanidade por meio de um dilúvio, dele conseguiu escapar um eleito de nome Deucalião que, embarcado num bote, conseguiu sobreviver flutuando até ao cimo do monte Parnaso, juntamente com a esposa, de nome Pirra. (É ocioso lembrar que o mito tem a sua contrapartida ou o seu “pendant” no relato bíblico em que se salvaram Noé e sua família, seus animais e seus pertences, no cume do monte Arará.)

Invocada a proteção divina para o repovoamento da Terra, foilhes ordenado que caminhassem pela colina, atirando para trás das costas os ossos de sua mãe, pelo que deviam entender as pedras da montanha sagrada: as atiradas por Deucalião se convertiam em homens, as lançadas por Pirra se transformavam em mulheres.

Nesta primeira hierofania, portanto, verificamos o simbolismo da pedra como índice da permanência ou da necessária continuidade da vida ou da espécie.

Acrescentemos outros relatos ou testemunhos.

Conta-se na remotíssima tradição veterotestamentária a referência a um dos mais antigos objetos ou artefatos culturais de todos os tempos, precisamente feito de pedra – as tábuas de lei.

Leiamos os versículos 1, 2 e 12 do Êxodo, segundo livro do Pentateuco: “1 – Disse também Deus a Moisés: Sobe ao Senhor, tu e Arão, Nadab e Abiú, e setenta anciãos de Israel, e adorareis de longe. 2 – Só Moisés subirá ao Senhor: e os outros não se chegarão a ele: nem o povo subirá com ele. (...). 12 – E o Senhor disse a Moisés: Sobe a mim ao monte, e deixa-te estar aí: e dar-te-ei umas tábuas de pedra, e a lei, e os mandamentos, que eu escrevi: para os ensinar.”

Outro objeto cultural, cuja tradição remonta aos mais recuados testemunhos da História, é a faca de pedra – e não de metal – com que os povos antigos praticavam a circuncisão. Documentemos a nossa afirmação com as duas seguintes abonações: 1 – “Tomou logo Séfora uma pedra agudíssima e circuncidou o prepúcio de seu filho.” (Êxodo, 4, 25); 2 – “Naquele tempo disse o Senhor a Josué: Faze uns canivetes de pedra, e circuncida segunda vez os filhos de Israel.” (Josué, 5, 2)

No contexto mítico convém ter sempre presente que a pedra sagrada não é sagrada porque é pedra, mas porque é simbolicamente representativa de uma presença sagrada, em outras palavras – porque é hierofânica. A pedra de altar ou pedra d’ara é sacralizada pela função a que se destina, ou seja, representar o altar do sacrifício. A ereção de um altar, como a de uma cruz, representa a instituição de um espaço novo ou o recomeço ou renovação da cosmogonia.

Retornando ao testemunho bíblico, na passagem conhecida como do sonho ou da escada de Jacó, lê-se: “E como tivesse chegado a um certo lugar, e quisesse nele descansar depois do sol posto, tomou uma das pedras que ali estavam, e pondo-a debaixo de sua cabeça, dormiu neste lugar.” (Gên. 28, 11) “E viu em sonhos uma escada posta sobre a terra, e a sua sumidade tocava no céu; e também os anjos de Deus subindo e descendo por ela.” (Gên. 28, 12). E no versículo 18 acrescenta o texto sagrado: “Levantando-se pois Jacó logo ao amanhecer, tirou a pedra que tinha debaixo da sua cabeça, e a erigiu em padrão, derramando óleo sobre ela.” “E pôs o nome de Bethel (a casa de pedra) à cidade, que antes se chamava Lusa.” Atente-se aqui para dois pormenores altamente significativos: o do rito – que sacramenta o mito – a efusão do óleo sobre a pedra e a mutação do nome da cidade como indicativa da mudança de estatuto. O processo é sobejamente comprovado em outros passos bíblicos reveladores. Recordem-se os

casos de Abrão que passou a ser Abraão (Gen. 17, 5) e de Sarai que veio a chamar-se Sara (Gen. 17, 15) que de estéril se tornará fecunda; e o casal sem filhos se tornará um seminário de incontável descendência. No Novo Testamento são notoriamente significativas as transnomações de *Saulo* para *Paulo* e a de *Simão* para *Cefas* ou *Pedro*.

Retornemos, porém, à pedra de Bethel e ao seu significado mítico ou hierofânico. Conclui-se o relato do sonho de Jacó com a sua profissão ou promessa: “E esta pedra que erigi em padrão se chamará Casa de Deus; e de todas as cousas que tu me deres te oferecerei o dízimo.” (Gen. 28, 22).

Outra pedra bíblica miraculosa é a que se menciona no Cap. 17, versículos 6-7: E o Senhor disse a Moisés: “caminha adiante do povo, e leva contigo alguns dos anciãos de Israel; e leva na tua mão a vara, com que feriste o rio, e vai. Olha que eu hei-de estar diante de ti sobre a pedra de Horeb: e ferirás a pedra, e dela sairá água, para que beba o povo.”

Afirma uma legenda antiga que a referida pedra se encontra hoje representada numa imagem da Virgem numa das igrejas de Veneza.

Além de marco e padrão representativo da posse de novo domínio territorial, a pedra simboliza a expressão ou penhor de um testemunho sagrado.

Descrevendo a volta de Jacó a Canaã, entre outras circunstâncias do pacto celebrado entre Labão e Jacó, está escrito: “Tomou então Jacó uma pedra, e a levantou como padrão(ou marco). E disse a seus irmãos: Trazei pedras. E como tivessem ajuntado muitas fizeram delas um cabeço (= um montículo), e comeram em cima dele. (Observe-se o pormenor ritualístico do repasto sacrificial). Labão o nomeou o Cabeço da testemunha; e Jacó chamou-lhe o Montão do testemunho. E Labão disse: Este cabeço será hoje testemunha entre mim e ti: por isso este lugar se chamou Galaad: isto é, o Cabeço da testemunha.” (Gen. 31, 45-49)

Outra passagem fortemente representativa do valor testemunhal simbolizado pela pedra é a do capítulo 4 do livro de Josué intitulado Monumento Comemorativo da Passagem do Jordão.

Trata-se de mais uma travessia milagrosa comparável à descrita no Capítulo 14 do Êxodo e conhecida como A Passagem do Mar Vermelho.

Confirmemo-la.

Realizada a transposição miraculosa do Jordão, em época de fartas águas, a pé enxuto, fala Deus a Josué, dizendo: Escolhe doze homens, um de cada tribo, // E manda-lhes que tome no meio da madre do Jordão (...) doze pedras duríssimas/ ao que Josué, dirigindo-se a seus homens, disse: / Ide adiante da arca do Senhor vosso Deus ao meio do Jordão e trazei de lá cada um a sua pedra (...) para que seja sinal entre vós: e quando vos perguntardes por seu significado, respondereis: “As águas do Jordão desapareceram diante da arca do Senhor e por isso se puseram aqui estas pedras, para servirem aos filhos de Israel de um eterno monumento, isto é, de uma eterna lembrança. E aqui o conteúdo mítico do valor da comemoração como ditame exponencial da virtude renovadora da cosmogonia. Para que o cosmos não morra é necessário revitalizá-lo perenemente através das práticas ritualísticas e sacramentais. Ao mito se congutina sempre o rito.

Depois desta breve excursão pela literatura veterotestamentária caminhemos por outras sendas.

Relembremos, por exemplo, a figura de uma sibila ou pitonisa – sacerdotisa reveladora dos oráculos de Apolo – denominada Herófila, que prenunciara a destruição de Tróia, ocasionada pela traição ou pelo rapto de Helena.

A mencionada profetisa, reza o mito, transportava sempre consigo uma pedra, entendida como símbolo fálico indicativo da sua fixação pela posse física e mental de Apolo. Era sentada sobre tal pedra que ela exercia a sua atividade mântica ou profética. Teria falecido em Tróia, enquanto a aludida pedra sagrada teria sido transportada para o santuário de Delfos.

Outra divindade a que se associa o simbolismo da pedra é a figura de Cibele, cultuada em Roma sob as designações de Magna Mater ou Bona Mater – Grande Mãe ou Boa Mãe – em cuja honra se celebravam controvertidos cultos orgiásticos.

Seu culto teve início entre os anos de 205 – 204 a. C., durante a 2ª Guerra Púnica, quando os romanos carregaram da Frígia, na Ásia Menor, a famosa Pedra Negra – *Lapis Niger* – uma imagem anicônica representativa da deusa alienígena. A referida pedra era carregada em procissão anual para a celebração do banho catártico ou lustral.

Tratava-se, na verdade, de um meteorito sacralizado pela mentalidade animista caracterizadora das primeiras conglomerações humanas.

Outra famosa Pedra Negra, de que todos têm conhecimento, é a Caaba, a pedra sagrada dos maometanos, hoje guardada no recinto da mesquita de Meca. Sua descrição, feita por José Pedro Machado, em nota à sua tradução do Moçafó ou Alcorão é a seguinte: “bojuda na base e em cima, estreita no centro, com cerca de 60cm x 90cm; tem uma concavidade, que se diz ser a marca da forma do pé de Abraão. Aquela concavidade teria servido para receber o sangue das vítimas durante os sacrifícios.”

Como no caso da Pedra Negra da deusa Cibele dos romanos, a pedra sagrada da Caaba, não passa, igualmente, segundo os estudiosos, de mais um meteorito convertido em objeto sacralizado.

Quanto à impressão das pegadas de Maomé sobre a referida pedra, o mito é também amplamente difundido com relação à literatura religiosa cristã.

Permitam-me esta citação do contemplativo Padre Manuel Bernardes, grande vulto da literatura portuguesa do séc. XVII – XVIII. Alegando textos de Jó e de Isaías, escreve o nosso Bernardes: “É pois de saber que subindo Cristo nosso bem ao céu, deixou suas sagradas plantas estampadas numa pedra; e ali concorriam depois muitos fiéis convertidos da gentildade como da Sinagoga, a adorá-las e beijá-las com suma devoção, cumprindo-se o que tinha dito Deus pelo profeta Isaías: *Locum pedum meorum glorificabo... et adorabunt vestigia pedum tuorum.*”

Quem de nós já não ouviu falar na lenda de Sumé, corruptela de Tomé, difundida entre nossas tribos primitivas ainda antes do Descobrimento do Brasil?

O Pe. Simão de Vasconcelos, na sua Crônica da Companhia de Jesus, de 1663, escreve, entre outras muitas coisas a respeito do santo apóstolo em terras do Brasil, o seguinte: “tinham [os índios] por tradição, que lhes ensinara cousas da outra vida... Sobre esta dúvida... direi o que vi, e alcancei de pessoas fidedignas. Jaz naquela parte da praia que vem correndo ao norte do porto da vila de S. Vicente, (...) um pedaço de arrecife ou laje, que o mar lava, cobre e descobre, com a variedade de suas ordinárias marés. No meio desta [laje] são vistas de todos os

que àquela parte se chegam, (...), duas pegadas de um homem descalço, direita e esquerda, duas pegadas em proporção de quem passa para o mar, a parte posterior para a terra e a anterior para a água.” E prossegue o famoso cronista lusitano por mais de 10 páginas além o seu relato descritivo sobre a misteriosa passagem do apóstolo “incrédulo” por vastíssimas regiões do nosso país nascente.

As ocorrências deste gênero podem-se inscrever certamente como variações das hierofanias manifestadas através da instrumentalidade da pedra.

Integrado, igualmente, nessa seqüência de representações hierofânicas, sobressai o mito de Crono e de Réia que, para evitar que este, seu marido, devorasse o filho Zeus, recém-nascido, substituiu-o por uma pedra, dando-a camufladamente ao marido que a engoliu julgando tratar-se do filho que ele não queria que sobrevivesse.

A essa pedra-disfarce deram os greco-romanos o nome de “abadir”. Dela refere o Pe. Bluteau: “Termo mitológico. É o nome de uma pedra, que Saturno engoliu, imaginando que engolia a Júpiter. (...) Diz Lactâncio, que esta pedra era o deus a que os romanos chamavam Terminus. Chamavam os gregos à dita pedra “Baitilon”. Parece que os Latinos, que lhe chamaram Abadir, tomaram este nome da palavra síria Abdir, ou Abadir, ou Abadier. Acrescenta Lactâncio (séc. III – IV) que esta pedra se conservava no templo de Apolo, em Delfos.”

Falando da sabedoria inata dos poetas refere-se a essa pedra mítica o poeta A. E. Benevides: “Conhecem, talvez, a nudez/ ou a plumagem eterna da beleza,/ mas estão ocupados com certeza,/ em chegar a Delfos ou Eléusis./ Oh, quantas vezes/ buscam os campos de Tróia e a pedra de Abadir/ Ou sonham com parreirais na Mancha/ e a estrada ensombrada de Ofir.” (Escadarias na Aurora, p. 11)

Além destes registros de famosos exemplares líticos solitários ou individualizados, merecem atenção semelhante os conglomerados em forma de círculos, de elipses ou de outras configurações geométricas, tais como os “cromlechs”, os dólmenes e menires, representativos de épocas pré-históricas.

O mais imponente de todos, classificado já no séc. I a.C. por Diodoro Sículo como “templo circular de Apolo” é o complexo rochoso de Stonehenge, monumento megalítico da idade do bronze (c.

2000 a.C.), no sudoeste da Inglaterra. Ao que supõem os estudiosos, era um sítio sagrado onde se tributava um culto teofânico ou astrolátrico ao deus Sol.

Numerosas nas extensas paisagens da Irlanda são essas *standing stones* que produzem um denso ar de mistério através de paisagens de épocas imemoriais.

Não nos esqueçamos de que a Irlanda foi o palco das longínquas tradições célticas e das peripécias do rei Arthur e dos seus famigerados cavaleiros da Távola Redonda. Foi também território e refúgio dos druidas, cujos sacerdotes se esmeravam na construção e manutenção dos altares sacrificiais.

Ainda em relação à disposição circular de Stonehenge e de outros complexos megalíticos gostaria de lembrar que o simbolismo do círculo aponta para o significado mítico da totalidade, da perfeição, da continuidade ininterrupta, da segurança garantida.

Acredito, por isso, não seja impertinente ou descabido aqui, lembrar que os túmulos, na antiga Etrúria, eram protegidos por um círculo de pedras, ou por uma enorme laje a fechar-lhes a entrada, contra a avidez dos homens e a ameaça dos maus espíritos.

Praticamente inesgotável é a mitologia hierofânica das pedras, valendo ressaltar ainda que a elas se pode associar o simbolismo extensivo a outros elementos integrativos do cosmo por via de marcada pertinência analógica, tais como as montanhas, as serras, os alpes e promontórios, com seus píncaros altaneiros e com suas grutas e recesos misteriosos.

Não nos esqueçamos nunca de que o cosmo como um todo nos fala pela voz dos seus mais inimagináveis veículos fenomenais: pedras, árvores, ventos, águas, pássaros, nuvens e animais de todas as espécies.

No episódio bíblico alusivo à história da burra de Balaão, diante do empacamento da mula, o seu cavalgador, reza o texto sagrado, irado a fustigava com uma vara pelas ilhargas/ Mas o Senhor abriu a boca da jumenta, e ela falou: Que te fiz eu? Por que me feres?// (Números: 22, 23-33).

Falou também o cavalo de Aquiles, de nome Xanto, como nos refere a *Ilíada*, no canto XIX, vs. 400-424: “ Hoje, impetuoso Pelida, serás por nós salvo, sem dúvida; /mas já tens próximo o dia em que



deves morrer; não nos culpes, /que nisso a culpa será de um deus forte e da Moira impiedosa.”

Também as pirâmides e obeliscos participam dessa aura mítica e mística inspirada pelo simbolismo da pedra gigantesca. Não faltam referências metafóricas ou sugestivas ao paralelismo entre os rochedos e montes e as manifestações do poder, da fidelidade e da justiça de Deus ou dos deuses nas páginas da literatura universal.

Subir nas pedras, galgar montanhas, fazer alpinismo sempre foram receitas maravilhosas para a energização física e espiritual do homem.

Estejamos, portanto, sempre atentos a essa dimensão oculta ou nem sempre manifestada, na mensagem do mito, pois que se trata de uma fala polissêmica ou polivalente, demandando, por isso, da nossa parte o necessário esforço de concentração. Consideremos o mito, para enriquecimento da nossa personalidade integral, como uma das ricas fontes didáticas da nossa experiência existencial.

E para concluir, permitam-me transcrever duas manifestações do reconhecimento da significação hierofânica e radical das pedras, expressivas da sensibilidade artística de dois grandes vultos da literatura moderna.

A primeira, assinalando as pedras como testemunho da escrita da História do seu país, da pena de Vargas Llosa, do seguinte teor: Hay en él (i. e. en el Peru) páginas bellísimas que nos hablan de una gran civilización levantada por peruanos en el mismísimo techo del mundo, páginas escritas en las piedras de Machu Pichu y Chavín, en las telas de Nasca y Paracas, en el oro y plata del incario.” (El diablo en campaña, 206-207).

A segunda, entre dezenas de outras que poderíamos apresentar, da pena de Clarice Lispector, onde se reflete a atitude contemplativa de um momento transcendente de sua meditação poética: “Olhar a pedra inspira tranquilidade, traz de volta a serenidade. (...) Sentar-se numa pedra à beira da estrada é instalar-se na euforia de uma segurança garantida ou de uma liberdade doce de fruir. É sentir-se contente.” (A maçã no escuro, 22, 25)

Tenho dito.